

COMPARAÇÃO ENTRE AS TEORIAS DA APRENDIZAGEM DE SKINNER E BANDURA

Alana Peixoto de Almeida¹
Flávia Maria Vasconcelos Lima²
Sheila Marques Lisboa³
Andressa Pereira Lopes⁴
Alberto José de Amorim Franco Junior⁵

Psicologia



ISSN IMPRESSO 1980-1769
ISSN ELETRÔNICO 2316-3151

RESUMO

O presente artigo faz uma revisão bibliográfica que explana as características das teorias da aprendizagem de Skinner e de Bandura a fim de elucidar os pontos convergentes e divergentes entre as duas teorias. Diante disso, os resultados apontam que ambos os teóricos da aprendizagem concordam que a construção da personalidade está diretamente ligada aos aprendizados adquiridos ao longo da vida. Porém, Skinner e Bandura divergiram em certo ponto quanto à forma que se dá as aprendizagens, bem como suas causas, consequências e fatores que as influenciam. Dessa forma, conclui-se que se faz necessário ao estudo das teorias da aprendizagem e da personalidade esclarecer essas diferenças e entender as contribuições que cada teórico possibilitou.

PALAVRAS-CHAVE

Skinner. Bandura. Aprendizagem. Personalidade.

This article is a bibliographic review that explains the features of learning theories of Skinner and Bandura order to elucidate the convergent and divergent points between the two theories. Thus, the results show that both learning theorists agree that the construction of the personality is directly linked to the learning acquired through life. However, Skinner and Bandura diverged at some point as to how the learning that occurs as well as its causes, consequences and factors influencing them. Thus, it is concluded that it is necessary to study the theories of learning and personality clarify these differences and understand the contributions that each theoretical enabled.

KEYWORDS

Skinner. Bandura. Learning. Personality.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem a intenção de demonstrar de forma objetiva os pontos convergentes e divergentes de duas teorias importantes para a psicologia da aprendizagem e, sem dúvida, para o estudo da personalidade. Para isso, analisou-se as teorias de dois teóricos: Burrhus Frederic Skinner, com a Teoria da Abordagem Comportamental ou Behaviorismo Radical e Albert Bandura, com a Teoria da Aprendizagem Social, que após reformulações passou a ser denominada de Teoria Social Cognitiva.

Por meio de pesquisas bibliográficas, chegou-se à conclusão da relevância deste artigo, pois sentiu-se a dificuldade em encontrar os pontos comuns e incomuns que existem nessas duas teorias, confrontados de uma maneira direta, objetivando, assim, o aprimoramento teórico para o assunto abordado. Entende-se que a Teoria Social Cognitiva teve base ou raízes na Teoria Comportamental de Skinner e se fez necessário, em caráter elucidativo, explicar primeiramente sobre essas teorias de forma isolada para, posteriormente, comparar-se os pontos convergentes e divergentes de ambas.

2. DESENVOLVIMENTO TEÓRICO

2.1 A TEORIA DA APRENDIZAGEM DE SKINNER

Skinner foi o principal representante do behaviorismo e, segundo La Rosa (2003), o behaviorismo compreende uma corrente em Psicologia que procura explicar o comportamento humano como resultado das influências dos estímulos do meio.

De acordo com Hall, Lindzey e Campbell (2000), Skinner procurou construir uma psicologia que evitasse referências a eventos internos, de dentro do organismo, preferindo referir-se ao efeito observável de um estímulo sobre o comportamento.

As pesquisas de Skinner, como relatou La Rosa (2003), foram preponderantemente experimentais e utilizaram ratos e pombos como cobaias. Skinner elaborou o conceito de Condicionamento Operante, que diferenciava do Condicionamento Clássico de Watson.

“Skinner foi um comportamentalista ardente, convencido da importância do método objetivo, do rigor experimental e da capacidade da experimentação cuidadosa...” (HALL; LINDZEY; CAMPBELL, 2000, p. 390).

De acordo com Glassman & Hadad (2008), Skinner foi o pioneiro na criação de uma abordagem para o estudo do comportamento aprendido. Para Skinner, os trabalhos internos da mente e de corpo estavam inacessíveis à observação direta e, para se compreender o comportamento, bastava entender o ambiente em que uma resposta ocorria a própria resposta e a consequência da resposta.

Segunda Giusta (1985), o condicionamento operante surgiu com o objetivo de se explicar aprendizagens mais complexas. O condicionamento operante transferiu a ênfase do estímulo antecedente (como no caso do condicionamento clássico) para o estímulo consequente como recurso para se garantir a manutenção ou extinção de certo comportamento.

Alguns conceitos precisam ser definidos dentro da abordagem comportamental de Skinner, principalmente quando se fala de manutenção ou extinção de comportamento.

A manutenção de um comportamento se dá pela presença de um reforço. De acordo com La Rosa (2003), o reforço, para Skinner, consiste em qualquer estímulo ou evento que aumenta a probabilidade de ocorrência de um comportamento. Skinner ainda distingue dois reforçadores: o positivo e o negativo; o positivo como sendo aquele em que se apresenta um estímulo como consequência do comportamento e o negativo como sendo aquele em que se retira um estímulo como consequência de um comportamento. Os reforçadores podem ser primários, quando estão relacionados à necessidade primária, como alimentos e água; e secundários, que são assim denominados quando estão sendo sucessivamente emparelhados com algum reforçador primário; e finalmente os reforçadores generalizados, que compreendem aqueles estímulos que foram emparelhados com mais de um reforçador primário ou com algum reforçador secundário.

O comportamento pode ter a sua probabilidade de ocorrência diminuída, no caso do uso da punição. Ainda de acordo com La Rosa (2003), a punição ocorre tanto no momento da apresentação de um estímulo aversivo frente a um comportamento indesejável: punição positiva; quanto no momento da retirada de um reforço positivo frente a um comportamento indesejável: punição negativa.

Teixeira Júnior e Souza (2006) definiram, também, outros conceitos dentro dessa abordagem: esquiva como sendo a prevenção de um estímulo aversivo e fuga como sendo a interrupção de um estímulo aversivo; contingência seria os componentes das relações comportamentais que apresentam relação de dependência entre si; extinção operante que seria a quebra de relação de contingências entre uma resposta e uma consequência pela suspensão do reforçamento, e finalmente modelagem seria a modificação de algum comportamento por meio de um reforçamento diferencial, em uma série de passos, de um

84 | desempenho inicial até um desempenho final. Segundo Moreira e Medeiros (2007) a modelagem é uma técnica usada para se ensinar um comportamento novo por meio de reforço diferencial de aproximações sucessivas do comportamento.

O trabalho de Skinner trouxe várias, tanto no ensino como na terapia e certamente a partir dele outros teóricos vieram para ampliar essa teoria, modificá-la ou até mesmo dela divergir. Para ele o aprendizado acontece por meio do reforço (positivo e negativo), punição (positiva e negativa), extinção e modelagem.

2.2 A TEORIA DA APRENDIZAGEM DE BANDURA

Albert Bandura enfatiza os conceitos de personalidade que reconhecem a importância do contexto social, assim como descreve as variáveis cognitivas que a descrevem e predizem o comportamento (CLONINGER, 1999). Para Bandura, os seres humanos são flexíveis nas formas de aprender, por isso, o teórico entende que a aprendizagem pode ser ativa ou por observação. A aprendizagem ativa ocorre por meio de experiências diretas que são comportamentos apresentados com suas respectivas consequências. Logo, a aprendizagem ativa ocorre mediante a reflexão do comportamento e avaliação das suas consequências. As consequências dos comportamentos, por sua vez, têm como funções informar os efeitos das ações, motivar comportamentos antecipadamente e reforçar (FEIST; FEIST, 2008).

A aprendizagem por observação, meio pelo qual advém a maior parte das aprendizagens, ocorre por meio da observação de comportamentos de outras pessoas que fornecem experiências indiretas (vicárias) e tem como consequência reforços vicário. Esses, por sua vez, possibilitam que indivíduos sejam reforçados ao observar uma pessoa sendo reforçada. Nesse sentido, Bandura destaca que os reforços diretos não são essenciais a aprendizagem, apesar de fornecer incentivos ao desempenho (CLONINGER, 1999). Dessa forma, a aprendizagem por observação pode ser considerada mais eficiente, já que não expõe os indivíduos a reforços ou punições e, assim, evitam que o processo cognitivo e o desenvolvimento social sejam atrasados.

A aprendizagem por observação ocorre por meio do processo denominado de modelação, no qual a observação é seguida por um processo cognitivo, o que implica dizer que esse tipo de aprendizagem não é uma pura imitação, já que necessita de representações simbólicas peculiares a cada indivíduo e situação. A modelação depende das consequências do comportamento, das características do modelo observado e do observador. Assim, esse processo envolve mecanismos de atenção, representação, produção comportamental e motivação (FEIST; FEIST, 2008).

Em relação à atenção, há uma maior tendência em observar indivíduos com os quais se tem mais contato, modelos atraentes e comportamentos de natureza que se considera importante ou valiosa. Assim, o processo de atenção ocorre de acordo com as características do modelo, afetividade que desperta, a prevalência com que são vistos, a complexidade e o valor funcional do comportamento, a capacidade sensorial do observador, seu nível de excitação, motivação, sua percepção e os reforços recebidos no passado (BANDURA, 1986 apud CLONINGER, 2008). A representação, também chamada de processo de retenção, é necessária à obtenção de novos padrões de reação, pois o que é observado

deve ser representado simbolicamente na memória e, para ser mais eficiente, necessita da codificação verbal (CLONINGER, 1999; FEIST; FEIST, 2008).

Depois de reter o comportamento e ensaiar cognitivamente, reproduz-se o comportamento na produção comportamental ou processo de reprodução motora. A aprendizagem é mais eficaz quando existe motivação e isso se traduz no desempenho em realizar um comportamento. A motivação pode ocorrer por meio de reforços externos, vicariantes ou por interiorização de processos motivacionais (CLONINGER, 1999).

Bandura acreditava que a ação humana é o resultado do que ele denominou de causalidade triádica recíproca, que é a interação entre indivíduo (I), comportamento (C) e ambiente (A) num sistema de determinismo recíproco (CLONINGER, 1999; FEIST; FEIST, 2008). Cada um desses fatores atua com forças diferentes cuja intensidade depende da situação e do indivíduo.

Segundo Cloninger (1999), o conceito de determinismo recíproco reconhece que o meio influencia o comportamento, que as características internas influenciam o comportamento, e que o comportamento influencia o próprio comportamento. O fator indivíduo (I) é composto por variantes individuais como gênero, tamanho, posição social, atratividade física e por fatores cognitivos como memória, antecipação, planejamento e critério. Com isso, os fatores cognitivos decidem os ambientes para lidar, o valor a atribuir aos comportamentos e a forma a organizar os eventos para usá-los futuramente (FEIST; FEIST, 2008).

Dessa teoria, destaca-se a ideia de agência humana, que é a capacidade do ser humano de exercer o controle sobre sua vida. Os traços essenciais da agência humana são a intencionalidade, que é um planejamento com proatividade; a premeditação, que é o estabelecimento de objetivos possíveis, a previsão de resultados e a seleção de comportamentos; a autorreatividade, que é o acompanhamento da evolução do processo de escolha dos comportamentos; e a autorreflexibilidade, item no qual se destaca a autoeficácia (FEIST; FEIST, 2008).

A autoeficácia é a crença na capacidade de realizar ações que produzirão um efeito desejado e que interfere na escolha dos comportamentos, no desempenho e, por isso, no controle da vida. A autoeficácia depende de experiências de domínio (experiências passadas), da modelagem social (experiências vicárias), da persuasão social e dos estados emocionais e físicos. A agência delegatória é a capacidade de confiar na competência dos outros em fornecer bens e prestar serviços. A eficácia coletiva é a crença geral no poder coletivo de produzir resultados desejados. Visto isto, agência delegatória e a eficácia coletiva também interferem na capacidade de controlar a vida que o ser humano possui (FEIST; FEIST, 2008).

De acordo com Feist e Feist (2008), a autorregulação é a capacidade de regular os próprios comportamentos. Ela envolve estratégias reativas, responsáveis por reduzir a discrepância entre realidade e objetivos, e as estratégias proativas, incumbidas de definir novos e maiores objetivos. A autorregulação é regida por fatores externos, fornecedores de padrão de avaliação e reforçamento, e por fatores internos. Fatores internos que compreendem a auto-observação (monitória do comportamento), o processo de critério, e a autorreação (produzir autorreforço e autopunição).

O processo de critério avalia o desempenho por meio da mediação cognitiva e resulta de padrões individuais, padrões de referência, de valores gerais e de atribuição do desempenho (FEIST; FEIST, 2008). Esse processo cognitivo em seu conjunto é denominado autossistema em Campbell, Hall e Lindzey (2000) e em Cloninger (1999), portanto, nesses autores o processo seria dividido em auto-observação, processo de julgamento e em autorresposta. Bandura (1978, p. 344 apud CLONINGER, 1999, 404) coloca que “No âmbito da teoria da aprendizagem social, um auto-sistema compreende estruturas cognitivas e subfunções para perceber, avaliar e regular o comportamento, e não um agente psíquico que controle a ação”.

A agência moral diz respeito ao controle exercido por padrões morais de conduta. O autocontrole exercido pela agência moral é ativado ou afastado seletivamente por meio de mecanismos como redefinir ou reconstituir a natureza do próprio comportamento; minimizar, ignorar ou distorcer as consequências do comportamento; culpar ou desumanizar as vítimas; deslocar ou dispersar a responsabilidade por seus atos (FEIST; FEIST, 2008).

2.3 PONTOS DIVERGENTES E CONVERGENTES ENTRE A TEORIA DA APRENDIZAGEM DE SKINNER E BANDURA

Uma questão unânime entre os teóricos da aprendizagem é que os princípios da aprendizagem são suficientes para provocar uma mudança comportamental. Porém, a forma de aprendizagem abordada por esses teóricos apresenta pontos convergentes e divergentes.

Analisando especificamente o aspecto da aprendizagem à luz de Skinner e Bandura, percebe-se que Bandura não foi um behaviorista radical, ele ampliou a teoria apresentada por Skinner, desenvolvendo o que ele chamou de Teoria da Aprendizagem Social e que, mais tarde, passou a ser denominada como Teoria Social Cognitiva. “A mudança do nome reflete uma ênfase maior nos processos cognitivos como essenciais para o desenvolvimento.” (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2007, p. 36).

De acordo com Pervin e John (2004), a Teoria Social Cognitiva compartilha com a teoria de Skinner a importância de se aprender um comportamento por meio de situações de contextos específicos e, também, a importância da recompensa para a alteração ou permanência de determinado comportamento. Além disso, tanto a teoria de Skinner quanto a de Bandura enfatizam a terapia como a aprendizagem de novos padrões de comportamento e não como uma cura de alguma doença sinalizada por algum sintoma.

Em comum com a maioria das abordagens da teoria da aprendizagem à personalidade, a teoria da aprendizagem social baseia-se na premissa de que o comportamento humano é amplamente adquirido e que os princípios da aprendizagem são suficientes para explicar o desenvolvimento e a manutenção desse comportamento. (HALL; LINDZEY; CAMPBELL, 2000 p. 462).

Algumas divergências, porém, foram evidenciadas com a ampliação e modificação da teoria tradicional da aprendizagem elaborada por Skinner. Primeiramente, segundo Hall, Lindzey e Campbell (2000), Bandura já discordava dos meios utilizados por Skinner para desenvolver sua teoria com a utilização de organismos simples como ratos e pombos e em um ambiente programado como o de um laboratório.

De acordo com Pervin e John (2004), Bandura argumenta que o comportamento não é regulado apenas por consequências externas, mas também por expectativas e processos autorregulatórios internos. Outra importante diferença reside no uso de dados verbais e de autoavaliação, pois enquanto os Skinnerianos são contra esse uso por interferir em eventos internos, Bandura adota a visão de que os dados de autoavaliação são úteis para se conhecer os processos cognitivos. “Enquanto os behavioristas veem a ação do ambiente sobre a pessoa como o principal impulso para o desenvolvimento, os teóricos da aprendizagem social sustentam que o impulso para o desenvolvimento vem da pessoa” (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2007, p. 36).

Outras questões levantadas por Bandura dizem respeito, de acordo com Hall, Lindzey e Campbell (2000), à importância do contexto social para o surgimento de determinado comportamento, além do fato de que muitas aprendizagens importantes ocorrem de forma indireta, o que Bandura chama de aprendizagem observacional, onde os indivíduos aprendem a imitar determinado comportamento ou modelam-se de alguma forma de acordo com os outros.

Segundo Pervin e John (2004), a Teoria Social Cognitiva enfatiza não apenas eventos externos, mas, também, eventos internos. Para Bandura, as contingências modelam as pessoas como também – eis aqui o diferencial em relação à Skinner – as pessoas modelam as contingências do ambiente; é o que acontece no processo de determinismo recíproco. Há uma ênfase não apenas no comportamento, mas na cognição e emoção, enfatizando a relação pensamento, sentimento e comportamento.

Já para Skinner, de acordo com Hall, Lindzey e Campbell (2000), o comportamento é o produto de forças que agem sobre o indivíduo, não de uma escolha pessoal. Seriam as contingências de reforço as responsáveis pelo comportamento e quem adotasse uma abordagem cognitiva responsabilizava agentes internos de forma errada.

Ainda de acordo com Hall, Lindzey e Campbell (2000), a própria questão do reforço foi avaliada de forma diferenciada por Bandura, como no caso da aprendizagem observacional – já relatada acima – onde o reforço serve como uma influência antecedente e não consequente, como na teoria de Skinner. “Do ponto de vista de Bandura, entretanto, o reforço facilita a aprendizagem de maneira antecipatória ao encorajar o observador a prestar atenção e a ensaiar o comportamento observado” (HALL; LINDZEY; CAMPBELL, 2000, p. 463).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diferenças a parte, cada teoria tenta responder aquilo a que se propõem. Apesar das críticas emitidas a Skinner, percebe-se que ele – em sua tentativa de seguir uma psicologia objetiva, que se consolidasse como ciência – foi perspicaz na escolha de seu objeto de estudo extremamente descritivo e mensurável.

Skinner não afirmou que o comportamento observável se limitava a eventos externos, porém escolheu ser determinista e ambientalista, com coerência aos seus métodos de estudo. Com isso, o mesmo ampliou a teoria de seus antecessores, Thorndike e Watson, ao acrescentar ao condicionamento operante a forma clássica ou respondente que já existia.

88 | Portanto, Skinner foi imprescindível na elaboração dos conceitos de modelagem, reforçamento, punição, esquemas de reforçamento e extinção. Ele não negava a existência de estados internos, mas acreditava que sua observação era limitada.

Já Bandura ousou ao resgatar questões postas de lado no Behaviorismo Radical por não ter medo de entrar em uma esfera tradicionalmente subjetiva e imprecisa. Assim, conseguiu elucidar a influência de aspectos individuais (como processo de cognição, memória, antecipação) na construção da personalidade sem, no entanto, afastar-se da ciência ou alcançar constructos hipotéticos ou demasiados especulativos.

CLONINGER, S. C. **Teorias da personalidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

COSTA, M.N.P. Considerações acerca do behaviorismo radical, análise do comportamento e análise experimental do comportamento. **Cadernos de Psicologia**, v. 2., n. 1, 1997.

FEIST, G.; FEIST, J. **Teorias da Personalidade**. São Paulo: McGraw-Hill, 2008.

GIUSTA, A. S. **Concepções de aprendizagem e práticas pedagógicas**. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/edur/n01/n01a06.pdf>>. Acesso em: 23 maio ANO.

GLASSMAN, W. E; HADAD, M. **Psicologia: abordagens atuais**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

HALL, C.S; LINDZEY, G.; CAMPBELL, J.B. **Teorias da Personalidade**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

LA ROSA, J. (Org). **Psicologia e Educação: o significado do aprender**. 7. ed. Porto Alegre: Edipucurs, 2003.

MOREIRA, M.B; MEDEIROS, C.A. **Princípios básicos de análise e comportamento**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

PAPALIA, D.E; OLDS, S.W; FELDMAN, R.D. **Desenvolvimento Humano**. 10. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

PERVIN, L.A; JOHN, O. P. **Personalidade: Teoria e Pesquisa**. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

TEIXEIRA JÚNIOR, R.R; SOUZA, M.A.O.de. **Vocabulário de Análise do Comportamento: um manual de consulta para termos usados na área**. Santo André: ESETec, 2006.
Submetido em: 24/06/2013

Recebido em: 8 de agosto de 2013

Avaliado em: 12 de agosto de 2013

Aceito em: 6 de setembro de 2013

1. Acadêmica do curso de Psicologia da Faculdade Integrada Tiradentes- FITS.

2. Acadêmica do curso de Psicologia da Faculdade Integrada Tiradentes- FITS.

3. Acadêmica do curso de Psicologia da Faculdade Integrada Tiradentes- FITS.

4. Mestre em Psicologia da Saúde (UMESP) e professora do curso de Psicologia da Faculdade Integrada Tiradentes- FITS.

5. Mestre em Psicologia da Saúde pela Universidade Metodista de São Paulo – UESP. E-mail: andressa_lopes@hotmail.com